

De prefeito do interior ao Senado

Paulo Pessoa Guerra nasceu em 10 de dezembro de 1916, no engenho Babilônia, em Nazaré da Mata, Pernambuco. Iniciou sua carreira política como prefeito de Orobó, em 1938. Em 1940 foi prefeito de Bezerros, em 41 delegado de Polícia na capital e em 42, diretor do presidio agrícola de Itamaracá. Foi constituinte em 1945, reeleito em 50 e deputado estadual em 54 e 58, dando assim um grande passo para chegar ao Governo do Estado.

Vice-governador na chapa de Miguel Arrais, em 1962, formando uma aliança PTB-PSD, Paulo Guerra assumiria o Governo de Pernambuco no dia 2 de abril de 1964.

Em 1970, Paulo Guerra e o então comerciante Wilson de Queiroz Campos (cassado cinco anos depois pelo AI-5 como envolvido no caso Morenó), conseguiram um grande e inesperado feito: derrotar o rico industrial e Senador José Ernirio de Moraes, do MDB e garantir as duas vagas ao Senado para o seu partido a Arena.

No Senado, como foi sua característica na Câmara Federal e na Assembleia Legislativa, não foi parlamentar de grande atuação na tribuna, compensando com um eficiente papel nas Comissões e nas articulações com seus partidários. Mas fez dois pronunciamentos considerados fortes. Um sobre a falência do Nordeste e outro contra a reforma agrária do Incra. Depois disso, preferiu editar a tribuna e em suas entrevistas com a imprensa usava sempre de muita ironia.

Sua liderança política em Pernambuco, mesmo atuando em Brasília, foi sempre muito forte e em janeiro de 72, quando o então Governador Eraldo Gueiros Leite, a conselho de alguns assessores, decidiu reconstituir o Diretório Regional da Arena, marginalizando os grupos do Senador Paulo Guerra e do ex-Governador Nilo Coelho; detentores de 80 por cento das bases eleitorais do Estado, viu criada contra si uma "Arena rebelde" que lhe criou amargos revezes.

O Senador Paulo Guerra a partir daquele momento passou a arregimentar forças no sentido de dar uma resposta a essa decisão do Governador Eraldo Guei-

rós, para uma expressiva vitória do seu grupo no pleito municipal de 72. A crise desdobrou-se até o final do Governo Gueiros derrotado diversas vezes pelos rebeldes de Guerra aliados aos emedebistas. A última vitória eleitoral de Guerra em Pernambuco foi a eleição do seu filho Joaquim, em 1974, a uma vaga na Câmara Federal, como o quarto deputado mais votado do Estado.

Empresário

Além de dirigir um dos maiores cartórios do Recife, Paulo Guerra era acionista majoritário na Agropecuária Feijão, em Sumé, na Paraíba; Fazenda Olho d'Água, em Itatuba, na Paraíba; e Companhia Agropecuária Santa Maria, em Bom Conselho, Pernambuco. Administrava ainda a Organização Paulo Pessoa Guerra e Filhos, que mantém permanente venda de reprodutores gir e zebu, na fazenda Santa Maria do Tamboril, dirigida pelo seu filho João Domingos Pessoa Guerra; a fazenda Santa Maria, dirigida por Joaquim Guerra; e as fazendas Manso e Feijão, dirigidas por Paulo Pessoa Guerra Filho.

Em 1972 passou 56 dias na África, tratando de mais um investimento da sua firma Pernambuco Exportadora de Zebu, que instalou uma fazenda em Lourenço Marques, com 50 mil hectares para a criação de zebu, nacionalizada posteriormente por Agostinho Neto, do Movimento Popular para Libertação de Angola, durante a libertação das colônias portuguesas.

Foi o primeiro pecuarista do Nordeste a exportar gado zebu, em aviões especiais fretados na Argentina, para o Zaire e Moçambique, na África, onde vendia uma res ao preço de 1.800 a 2.200 dólares. O Senador e seus 13 filhos se constituíram num dos mais fortes grupos de pecuaristas do Nordeste, possuindo uma média de 7 mil cabeças de gado.

Casado com Dona Virginia Borba Pessoa Guerra, foi presidente da Sociedade Nordestina de Agricultores, membro da Sociedade de Gado Guzerá do Brasil e do Conselho da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, em Uberaba. O Senador era formado pela Faculdade de Direito do Recife, turma de 1939.

As opiniões de Paulo Guerra

Estas são algumas das opiniões de Paulo Guerra:

Eleições de 74: "A Arena não foi derrotada em Pernambuco, apenas o candidato indicado. Foi um desabafo do povo desajeitado de participar da vida pública."

A distensão: "Só depende do MDB."

Pedido feito pelo MDB, em 75, para uma CPI sobre os direitos humanos: "Uma imprudência."

Participação da classe política nas eleições de 74: "Ela foi marginalizada em 90 por cento dos Estados."

Multifuncionais: "Faca de dois gumes."

Sobre o MDB: "Foi criado para ser instrumento de oposição à administração, funcionando como crítico e fiscalizador dos atos do Governo."

A Constituinte: "Não concebo a ideia, apesar de não ser jurista. Como pensar numa hora difícil como esta (abril de 76) em abrir um debate amplo? O MDB vai proteger a revogação do AI-5."

Sobre o AI-5: "Como integrante do partido que apóia a Revolução, entendo que o AI-5 é um dogma revolucionário e como tal deve ser aceito sem discussões."

O Projeto Sertanejo: "Não vai atender às necessidades atuais e nenhum parlamentar foi ouvido; só os tecnocratas em suas auto-suficiências, cido e descapitalizado."

Sobre o Presidente Geisel: "Nossa sorte é a sua capacidade administrativa. Ele é um timoneiro à altura das dificuldades do momento. Ele é um empresário público. Seu Governo se caracteriza pela preocupação com o homem."

Os tecnocratas: "São egoístas e narcisistas. Não têm preocupação com o social e o humano. O que é diferente do técnico e do político, que têm sensibilidade e humildade. O tecnocrata está entre o militar e o político. Na hora em que houver a integração para o processo democrático, ele desaparecerá."

Sobre o militar e o tecnocrata: "Não considero o militar inimigo do político. Inimigo do político é o tecnocrata."

As cassações: "Não gosto de falar, nem por esporte."

Sobre política: "Na política, como no amor, não existe nunca e jamais."

O Governo de Pernambuco: "Quando fui governador, a minha inquietação era saber o que pensavam e denunciavam os meus opositores."

As lideranças: "Não existe nenhum interesse do sistema em alijar as velhas lideranças que têm reduto eleitoral firmado no processo político do País. O que aconteceu foi que a Revolução deu oportunidades a muitos que não souberam aproveitá-las."

Atuação pessoal: "Ela se caracteriza pela austeridade administrativa e o combate à subversão."

O confronto com Eraldo Gueiros, em 72: "A luta contra os desmandos administrativos do Governo Gueiros vai continuar. Agora, está sacramentada a divisão da Arena em Pernambuco."

A Arena rebelde (72): "A nossa facção continuará denunciando na Assembleia Legislativa as irregularidades administrativas de Pernambuco (Governo Eraldo Gueiros)."